

Com Profa. Ma. Alva Rosa Lana Vieira

Doutoranda em Educação - PPGE/UFAM

E-mail: alvajuly@gmail.com

Por Estélio Cardoso Munduruku

Mestrando em Geografia- PPGG/UNIR

E-mail: elcr.geo17@uea.edu.br

Por Prof. Me. Wellington Dias

Professor do Curso de Teatro da ESAT/UEA

Coordenador do Projeto de Extensão Tecendo Diálogos Interculturais

E-mail: wdias@uea.edu.br

Wellington Dias: Bom dia a todos e todas! Estamos aqui com a professora Alva Rosa e Estélio Munduruku.

Me chamo Wellington Dias, e conversaremos com a professora Alva Rosa sobre várias perguntas que nós ao longo deste processo de trabalho com os povos indígenas dentro da Universidade do Estado do Amazonas, percebemos questões que poderiam ser elucidadas por ela, que tem esta experiência de vida e de luta junto à educação indígena. Então professora, bom dia, seja bem-vinda.

Alva Rosa: Bom dia, professor Wellington e Estélio Munduruku.

Antes de iniciar, gostaria de me apresentar. Eu sou professora da rede estadual, fiz mestrado e agora estou no doutorado em Educação. Então faço uma caminhada acadêmica, mas como tudo na vida, não é fácil. É mais um desafio que nós podemos enfrentar, e nós podemos também conquistar. Então, gostaria de representação como indígena. Lá atrás, eu também comecei toda esta luta e hoje estou aqui ainda na academia, então falar sobre educação escolar indígena foi um processo de construção também como indígena. Porque tudo passa por caminhar, por participar das reuniões do movimento indígena, de falar com as instituições, então é uma caminhada que a gente vem fazendo há anos, mas todos os anos aprendendo. Estar na educação superior, estar na universidade ainda é um desafio novo para nós todos, então isso não é difícil, vamos enfrentar, já que, nossa vida sempre foi enfrentar este sistema brasileiro que não

reconhece a nossa diversidade, mas nós estamos aqui justamente para dizer que nós estamos aqui, nós estamos vivos, nós estamos presentes e fazemos parte desta sociedade brasileira.

Wellington Dias: Obrigado professora, muito obrigado. Eu passo também aqui a palavra para o Estélio, quer se apresentar?

Estélio Munduruku: Obrigado professor, muito obrigado professora Alva Rosa, também que está aqui conosco nessa entrevista. Eu sou acadêmico do curso de Geografia da Escola Normal Superior, eu estou no oitavo período da graduação já finalizando, e ter a professora Alva Rosa como indígena que já está no doutorado é uma honra, porque são poucos indígenas que estão neste caminho, neste processo de doutorado. Ressaltando que, é muito importante ter pessoas que estão neste nível, é também trilhar esse caminho, porque o povo indígena de modo geral, precisa engajar na luta, mas principalmente no doutorado como a professora Alva Rosa está. Principalmente na educação, aqui é o pilar da base do povo indígena de modo geral, e para mim também é uma satisfação estar aqui com ela, principalmente o encontro entre povos Tikuna e Munduruku, e eu acho muito importante essa troca de diálogo. É uma pessoa que tem mais experiência, mais nível de histórias para contar, para falar e também para nos orientar neste sentido. Agradeço muito por estar participando aqui com vocês, preciso ver principalmente a professora Alva Rosa, muito obrigado professora.

Wellington Dias: Maravilha Estélio, muito obrigado pela presença e colaboração ao longo de todo esse processo de construção das entrevistas; estas perguntas que vão ser feitas aqui para a professora foram elaboradas por mim e em parceria com o Estélio ao longo desses encontros.

Para começar, vamos fazer a dinâmica de: uma pergunta Estélio, outra pergunta por mim. Fique à vontade professora para responder no tempo que você quiser. Nossa primeira pergunta é: quais os maiores desafios hoje na educação escolar indígena no Amazonas?

Alva Rosa: Quando eu vi as perguntas, fiquei pensando, são tantos desafios; mas eu vou dividir em dois momentos essa resposta. Nessa primeira resposta, antes da Constituição Federal de 1988, eu vou fazer um contexto geral, o nosso principal desafio, era o reconhecimento dos povos indígenas no Estado brasileiro. Esse foi o nosso principal desafio de

reconhecimento como cidadãos. Conseguimos quando a Constituição de 1988, no decorrer nós fomos conquistando as políticas, entendeu? Hoje, nós temos um desafio maior, que nós temos várias perdas do nosso direito no atual governo federal. Nós estamos tendo vários desmontes [dos direitos] conquistados pelos povos indígenas. Vou no foco da educação escolar indígena, que foram tantas conquistas no âmbito da legislação, isso lógico das políticas, e hoje eu posso dizer, qual nosso principal desafio para a escola indígena? Primeiramente, você está aqui para aprender que há uma diferença entre educação indígena e a educação escolar indígena: a educação indígena, é o conhecimento que se aprende com os nossos pais e dentro das comunidades; e educação escolar indígena, é o que se aprender na escola, na universidade, entendeu?

Tem esse aspecto também, na diferença. Com isso o nosso principal desafio é a educação escolar indígena, é justamente o sistema brasileiro [entender] essa diversidade da educação, compreender que nós aqui no Amazonas, nós somos praticamente 100 povos indígenas que têm sua cultura, sua língua. Como eu sou do povo Tukano, Estélio do povo Munduruku. Nós somos completamente diferentes, a língua Munduruku ainda é viva, a língua Tukano, aqui no alto Rio também é viva. Bem, então nós temos nossa própria [língua]. No sistema educacional é muito difícil compreenderem isso, essa diversidade, eles querem igualar. Nosso principal objetivo é a educação escolar indígena, é justamente o reconhecimento da diversidade de povos, porque é muito difícil eles aceitarem os currículos que é uma dificuldade até hoje. Por exemplo, aqui em São Gabriel da Cachoeira, nós temos 23 povos e 19 línguas indígenas, imagina você numa escola trabalhar uma língua? Vou lá na minha terra, que é o distrito de Iauaretê, são três línguas faladas; vamos estudar língua tukano na escola, o que vai acontecer? Todos aqueles falantes das línguas tukano e tariano vão estar estudando Tukano, e o que vai acontecer? Vai estar matando essas línguas para falar o Tukano. Isso eles não conseguem compreender, entendeu? Esse é um dos principais gargalos, que nós temos que conquistar, falar com o sistema sobre essa diferença. O nosso principal desafio continua sendo o reconhecimento da diferença de povos dentro da educação escolar indígena na educação básica. A universidade é muito colonialista ainda, aos poucos ela está abrindo as portas para esses povos, e

o que eu quero dizer com isso, as universidades não conseguem apresentar uma política de fato, não conseguem compreender uma luta que nós estamos fazendo diariamente dentro do crescimento indígena, tanto o trabalho da UFAM, da UEA sobre o conhecimento dos povos indígenas. Como é que um estado que tem a maior população indígena do país não tem uma política de educação para os povos indígenas no ensino superior, entendeu? Essa é uma das metas que a gente já começou a lutar, a universidade ainda é muito fechada. É um grande desafio para nós. Na educação básica é justamente aonde já conquistamos uma parte, mas ainda continua o reconhecimento da diversidade dentro do currículo do sistema da educação; e na educação superior é o reconhecimento dos povos indígenas, porque não tem nenhuma política para os povos indígenas de fato na educação superior. Iniciou-se, tem início? Tem, mas não de fato dando uma visibilidade como faz a UnB, por exemplo. Eu dou sempre o exemplo aqui do nosso vizinho Roraima, que tem uma faculdade indígena, nosso vizinho e aqui nenhuma das três universidades conseguem apresentar. Eu dou início com esses desafios, que nós temos tanto na educação básica quanto na superior.

Estélio Munduruku: Esse estágio-desafio professora, eles acarretam muito, principalmente aqui fora porque a gente sabe como indígena que vem do interior, que vem da aldeia, a dificuldade ela já é encontrada nos que moram aqui na cidade, imagina quem vem da aldeia e fala sua língua nativa, e que ainda preserva sua cultura.

Quando eu cheguei aqui fora, na universidade, a gente encontra essa barreira entre a cultura indígena e a não-indígena, entre a língua portuguesa e a língua indígena. São tantos os fatores, que precisa a universidade enquanto uma instituição, que universaliza vários contextos de diferentes povos, uma presença que a gente como indígena luta para sobreviver. É como se fosse uma lei da natureza, a gente fica lutando entre as plantas mais grandes para poder sobreviver nesse ambiente.

É muito importante o que a Senhora falou mesmo sobre a questão da educação, principalmente no Amazonas. Porque eu falo que o Amazonas é um país. Um país indígena, que tem vários povos, várias línguas e várias culturas. A Amazônia, nesse sentido, precisa ver e analisar um ponto de vista mais específico com relação à educação do nosso estado.

A próxima pergunta que elaboramos: Como a interculturalidade contribui para o fortalecimento das políticas indígenas em Manaus e no Amazonas?

Alva Rosa: Hoje nós queremos uma educação escolar indígena intercultural. Acho que não podemos dizer, que não queremos uma educação escolar indígena culturalista, porque você não pode fugir dessa realidade. O que vou dizer, dar um exemplo concreto aqui, por exemplo, lá nas aldeias, nas comunidades indígenas, hoje tem internet, aqui a FOIRN, Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, ela implantou em cada comunidade a internet. De qualquer forma, todos aqueles lá mais na ponta, eles colocaram nas principais comunidades indígenas estratégicas os pontos de Wi-Fi, então eu não tenho mais como fugir dessa realidade. A tecnologia está chegando na aldeia, eu tenho que trabalhar com a interculturalidade numa coisa bem mais simples, o que é essa interculturalidade? Os dois conhecimentos.

Você tem que conhecer essa cultura, você conhecer sua história e também você está conhecendo outro mundo, você está vivenciando, então eu não tenho mais como hoje dizer que o indígena está só lá na comunidade.

Nós estamos lutando pelo reconhecimento dos povos indígenas de fato, pela sociedade brasileira, pela universidade, pelo sistema de educação, para isso nós temos que ter conhecimento desses povos do sistema nacional. Porque eu tenho que conhecer para eles compreenderem o que nós queremos, entendeu? Eu sempre lembro das falas do Davi Kopenawa, nunca esqueci quando ele fala “Meus filhos. Vão estudar lá em Roraima. Eu vou estudar lá, e depois vocês. Vão aprender a língua deles. Vão aprender para vocês voltarem e começar a defender igual também”, entendeu? É isso que nós queremos. É o que é a interculturalidade.

Hoje quando você pergunta. Acho que conhecer para gente poder falar, mostrar o que nós queremos. Porque se a gente ficar no nosso mundo, só com a nossa cultura, só com a nossa língua, a gente não vai conseguir falar, conversar, dialogar. A interculturalidade é importante para nós, é importante para nós conhecermos, entendeu?

Por que que eu estou fazendo hoje o doutorado em Educação? Porque sim. Por que é para eu ter título? Também sim, mas principalmente para

mostrar também que nós indígenas somos capazes, entendeu? Eu não consigo ficar só no doutorado estudando. Meus colegas, a maioria deles, pediram licença para o doutorado para estudar. Estou estudando, lendo e escrevendo. Não tenho como ficar só em casa, estudando e lendo, tenho que estar sempre ajudando, porque se eu não fizesse a parte de estar participando dentro do movimento indígena, quem vai estar fazendo, entende? Eu levo assim, tudo que eu estou aprendendo é para ajudar os parentes, para ajudar os indígenas. Mostrando os caminhos para a gente poder estar alcançando. Não consigo, eu não consigo ficar só estudando, sabendo que meu povo está precisando de ajuda, de documento, na revisão de documento. Os meus colegas dizem “Rosa você precisa estudar, focar no doutorado para você depois ajudar” como é que eu vou estudar nesse momento de retrocesso de direitos, que nós estamos sofrendo a cada dia? Praticamente tudo que as lideranças passadas conquistaram. Eu como indígena estar de camarote, assistindo esse desmonte, eu não consigo. Por isso, eu digo assim “nós estamos na academia. Vamos fazer a nossa diferença, vamos fazer a nossa parte lutando. Nem que seja escrevendo documento, participando”. Nisso, imagina professor, se eu tivesse o mínimo de conhecimento de escrita, como que eu ia ajudar? É o que eu digo, a importância dessa realidade é isso, essa realidade é você está discutindo a interculturalidade como os ensinos, com todas as instituições de ensino de igual para igual. Isso está fazendo a diferença nacional também. Quando você vê as heranças já discutidas, você acha que a senhora agora, já era professora de letras? Se eu não tivesse o mínimo de interesse, a diferença. Como tem uma Celia Xacriabá também, que é uma doutoranda em antropologia, lá de Minas Gerais. Nós temos o próprio Keitan, lá do Rio Grande do Sul que está estudando. A Josiléia Calibã está fazendo também doutorado em Antropologia. São referências também de lutas indígenas que estão de frente lá na PIB, a nível nacional. Como nós temos também o Dinamã Tuxaki que é advogado, que é estudante de Direito da UnB. A interculturalidade é fundamental. A gente sempre diz, a nossa história não pode mais deixar nós de fora, porque para falar de nós tem que ser com a presença de nós, indígenas também, tanto na educação básica como na educação superior. Nós estamos aqui, nós estamos trabalhando, daí a importância da interculturalidade, dos conhecimentos,

já foi o tempo que as pessoas falavam por nós, hoje nós falamos por nós mesmo.

Eu vejo essa importância, dessa interculturalidade, tanto a nível estadual como a nível nacional e também a nível local, em cada município. Como a que vemos São Gabriel da Cachoeira. Nós temos vários secretários municipais indígenas, o coordenador regional da Seduc aqui. Nosso presidente da Câmara municipal aqui é um Baré. O prefeito de São Gabriel da Cachoeira é indígena do povo Tariano. O nosso presidente da FOIRN, é um é Baré, entendeu? São distâncias de representação, mas que tem conhecimento do sistema brasileiro e também os conhecimentos indígenas; é a interculturalidade: você ter os dois conhecimentos. Então daí a importância, por isso eu digo assim, o que nós queremos hoje é uma educação intercultural.

Estélio Munduruku: Percebi que é verdade mesmo, eu vejo muito essa fala entre as lideranças em geral. A sua fala, é as falas da liderança dos caciques. É o encontro de duas culturas, que nós precisamos conhecer, nós como jovens precisamos conhecer a cultura do não-indígena. Essa corrente para exatamente lutar, voltar para a aldeia, para o lugar de origem. Porque hoje em dia, nós sabemos que mesmo com tanta luta, com muita conquista que o povo indígena de modo geral, já conseguiu ao decorrer desses anos, a gente ainda está sofrendo com o processo colonialista. Querem tirar as terras por força, nos despossar de nossas terras, então conhecer um outro mundo, conhecer outra língua, é fundamental para nós enquanto indígena, porque a gente consegue lutar, a gente consegue entender a língua que não é nossa para exatamente nos favorecer na luta, para a gente conhecer os nossos direitos também. Porque a gente vive dentro de um país que, se nós não conhecermos a língua portuguesa e a cultura portuguesa, a gente não vai saber como lutar para defender o território.

Acho muito importante essa fala que a nós não podemos mais viver num mundo isolado, sendo que, esse mundo exterior está acontecendo tanta coisa que se a gente não estiver dentro dessa esfera, a gente acaba ficando de lado. E não é isso que nós indígenas queremos, mas sim queremos estar a par de tudo, para exatamente lutar e defender com o conhecimento que está aqui e está aqui fora também, o conhecimento ancestral.

Wellington Dias: A sua fala professora, também me traz muito forte a importância do compromisso social que todo pesquisador, ativista que está dentro e fora da academia tem que ter. Que é fazer essa prática se tornar vida, e não só tentando fazer disso publicações ou fazer disso um produto que está distanciado da realidade, nesse sentido, nesse engajamento. No contexto atual de estar nas lutas e não estar só tentando, por exemplo, como muitas pessoas tentam fazer essa experiência de ficar distante dos conflitos, das urgências. A gente tá em um processo de desmonte de muitos setores básicos da nossa sociedade como a educação, cultura, saúde, e essas vozes de pessoas como você que estão vivendo isso de lutar há muito tempo, são muitos importantes de estarem sendo ouvidas e estarem nesse front. É impossível ficar somente na sala de aula, na academia achando que vamos modificar tudo. A gente tem que ir para as ruas. E isso que você traz é muito forte, essa convocação, essa prática, fazer uma história na prática, na luta, no corpo-a-corpo. Apesar de todas as dificuldades, é com base nisso também a nossa terceira pergunta aqui: O que seria um diálogo intercultural na universidade?

Rosa Alva: Você dialogar com a universidade, é eles reconhecerem nossa diversidade. Primeira coisa, vou falar em específico aqui do Amazonas: a universidade é muita fechada, os professores, os que estão na frente das reitorias dentro das unidades acadêmicas. A nossa universidade ainda é muito colonizadora, ela segue a tradição europeia, segue aquelas regras da qualidade da universidade, que qualidade é essa para os povos indígenas? Quando você apresenta um projeto dentro da universidade, ela não consegue aceitar. É um embate que nós estamos tendo. Eu digo assim, como militante indígena mesmo. Como indígena e como estudante indígena. Aos poucos, a gente vai conseguindo, não é fácil. O diálogo intercultural, nós estamos tendo na universidade, mostrando, tentando ajudar. Não conseguimos ainda, vou especificar: Na UFAM por exemplo, na UFAM tentam departamento, tem dois departamentos que trabalham lá, mas é só de formação de professores, nada mais, entendeu? Eles acham que os indígenas não têm capacidade. É o que eles acham. Só que a universidade não vê o outro lado, porque os indígenas querem ir para a universidade, entendeu? É, eles ainda veem muito ainda para as notas. Pra média, pro qualis das universidades, entendeu? Que tem aquele padrão.

Aquele padrão de notas. Então, não está sendo fácil. Aí vai para IFAM, ainda não apresentou. Não apresentou de fato uma política. Aí eu falo assim, como um todo, Manaus. Aí você tem esporádico em São Gabriel da Cachoeira. Você já vê lá em Tabatinga. Você já vê algumas coisas, mas no âmbito da educação mesmo, na formação de professores. Você vê só mais nesse âmbito. Aí você vai pra UEA, pra universidade. No âmbito da universidade que é do estado do Amazonas, que você espera muito mais, você encontra esse, você encontra essa barreira. Há muito tempo tentaram fazer esse diálogo, tanto é que dentro da universidade, quando implantaram uma coordenação dentro da universidade, mas é muito difícil quando você vê as pessoas não abrirem as portas pras pessoas realmente que conhecem. A briga interna das universidades, isso atrapalha muito também pras nossas articulações. Foi feito isso na UEA, há muitos anos atrás. Tanto é que hoje tem, na unidade da educação superior, nas unidades mais específicas trabalham com projetos, mas dentro da própria universidade não tem uma política, de fato que esse atual contexto nós estamos fazendo esse diálogo dentro da universidade que através da mobilização indígena. Nós apresentamos documentos pra que eles possam de fato, discutir a política de educação superior dentro da universidade. Eu faço parte dessa comissão e estou acompanhando. Nós estamos discutindo a política lá, internamente. Se vai acontecer, não sei, já tem dois anos. Por causa da própria regra da universidade. É esse embate que a gente tá tendo no momento, dentro da comissão, de que isso não pode, isso não pode. Eu fiquei sabe, eu fico assim, eu fico agoniada porque realmente nós já recebemos um não desde o início, há 40 anos atrás, é 50 anos atrás, aliás, há 500 e poucos anos quando os colonizadores vieram, no país, chegaram e mandaram na gente e pronto. Quantos indígenas foram mortos? E hoje ainda a gente sofre esse não, sabe. Sempre o sistema brasileiro só foi a resposta: não, porque quando eu digo, que a nossa conquista de 1980 quando reconheceram, quando foi lutado pelo reconhecimento do povo indígena como humano, poxa, quando eles negaram a nossa própria existência. E hoje a gente ainda encontra essa negação da nossa existência também na universidade. Quando você recebe as respostas de não, isso não pode, isso não pode. Nós estamos passando por essa situação na comissão de política da UEA, nesse momento que eu faço parte e não está sendo fácil.

Mas como eu digo pros meninos lá da comissão “sempre não foi fácil pra nós. A gente não pode esmorecer, não pode é ficar triste, nós temos é que se unir e se fortalecer”. Eu quero dizer assim, que esse diálogo com as universidades tá acontecendo. É muito importante mesmo, mas aos poucos a gente vai superando. Vai tentando conquistar. É um desafio muito grande que nós temos pela frente, mas já no início, então, é tentar continuidade, mas há esse diálogo. Não é fácil, mas a gente tem dialogado bastante com as universidades, sabendo que, um dos principais gargalos justamente é o reconhecimento da existência desses povos como o próprio Estélio falou, como os próprios estudantes indígenas falam.

Chegar na universidade não é fácil, eu sei que não é fácil, só eu sei o quanto não é fácil, como doutoranda, como mestranda mesmo. Você está na universidade, você tem que estudar, você tem que ler muito. Ler bastante é uma coisa que não é da nossa rotina, mas se você está lá, você precisa no mínimo acompanhar. Eu sempre digo “não somos coitadinhos, nós somos inteligentes, só falta oportunidade”. E é nesse sentido, que as universidades precisam também apresentar. Sempre eu dou exemplo da Universidade de Brasília, por quê? Porque eu conheço. Eu conheço bem aquele projeto lá na universidade da UNB. Lá, eles têm uma maloca, um malocão dentro da universidade, onde dão suporte para os alunos indígenas lá, de todas as áreas. Pra quê? Pro reforço das aulas, quais são as disciplinas que estão sentindo dificuldades. Tem uma coordenação lá, eles preparam o plano de trabalho para dar suporte aos alunos, aqueles alunos que estão sentindo dificuldades. Então, tem um planejamento, tem um plano de trabalho dentro da universidade, dentro dessa maloca, que quem conseguiu foram os próprios estudantes. Justamente nessa dificuldade. É o que a gente também gostaria muito aqui. Aqui no Amazonas, pra que dê suporte aos alunos como o próprio Estélio falou. Não é fácil isso, eu sei que não é fácil, entendeu? Porque a Língua Portuguesa de fato não é a nossa primeira língua. E tem um detalhe, a leitura não é da nossa rotina do dia a dia. O povo indígena é muito oralista, o povo indígena não é da escrita. Isso é da nossa cultura. Então, estar na universidade é essa dificuldade, nesse diálogo que a gente tenta fazer junto à universidade. Já começamos. Não está fácil, mas a gente não vai desistir. Então, esse diálogo intercultural

realmente é muito importante e os povos indígenas têm feito isso no momento.

Estélio Munduruku: Isso é bom mesmo, do ponto de vista da universidade, porque como a senhora falou, são nas unidades que ocorrem os diálogos interculturais, mas que não ocorrem na universidade em si. Na UEA em si, que é onde a gente estuda. Esse diálogo, ele percorre nas unidades, porque a gente sabe que tem indígenas em várias unidades que precisam mesmo dessa política mais específica, dentro da universidade, na questão da esfera maior que é a Reitoria, no caso. Então, é esse diálogo intercultural ele é fundamental, porque com isso a gente conhece, eles também vão nos conhecer. É como que é a história, como que é a dificuldade, como que é outros fatores que nos acarretam nesse processo acadêmico, e a partir daí, acredito que descoloniza tudo.

A interculturalidade é a descolonização de qualquer estereótipo, de quaisquer outros paradigmas que pensam com relação a nós, povos indígenas e acadêmicos. Como a senhora falou, o indígena ele veio pra universidade não é porque ele quer, mas porque ele quer lutar. Porque a universidade é isso. Adquirir conhecimento para lutar e para voltar para o seu povo, de origem, para estar engajado nas políticas de lutas.

Rosa Alva: Eu poderia ter uma sugestão de fazer duas perguntas aí que eu vou responder?

Wellington Dias: Sim. Podemos sim. Já pode então fazer a 4 e a 5, Estélio.

Estélio: Pegando esse engajamento, pra você, como foi o impacto da interculturalidade da aldeia para a cidade?

Rosa Alva: E a outra, Estélio? E a outra pergunta, qual é?

Estélio: E a outra é, a quinta? Qual é a importância da educação escolar indígena para o Amazonas e o Brasil?

Rosa Alva: Primeiramente, eu nasci na Sede Indígena do Alto Rio Negro, certo? Então, eu nasci lá no Distrito de Iauaretê que era fronteira com a Colômbia, do outro lado é a Colômbia, daqui é o Brasil, na Vila de Santa Maria. Olha, só pra vocês terem uma ideia como aqui em São Gabriel da Cachoeira a gente chama. A gente não chama aldeia, chama comunidade. E a gente chama vila. Isso quer dizer? Resquícios da colonização. Praticamente o Alto Rio Negro, ela [a comunidade] foi, ela foi,

logo assim os colonizadores chegaram, foi o exército, então aí é chamado de comunidade. Os caciques aqui são chamados de capitães da comunidade, olha só. É resquício da colonização ainda do exército, lá na década de 70, 60, 70. Eu nasci em Iauaretê e assim que eu nasci e vim pra cidade, entendeu. Eu vim pra cidade de São Gabriel da Cachoeira que praticamente aqui eu nasci. Para mim, como aqui em São Gabriel da Cachoeira, ela é uma cidade conhecida, indígena, do Brasil, mesmo pelos povos. Eu não sofri tanto aquele impacto de preconceito. Ah, é. Aqui a gente fala a língua indígena na cidade toda. Você chega aqui em São Gabriel da Cachoeira, nos Bancos, nas feiras, nas ruas, nas lotações. Então você vai ouvir a língua indígena diariamente. Então, eu não senti tanto esse impacto da aldeia para a cidade, porque a cidade é uma cidade indígena, onde praticamente 90% da população é indígena aqui em São Gabriel da Cachoeira. Existe ainda, é lógico, existe o preconceito, existe, mas aquele impacto da mudança eu não senti mesmo, porque aqui nós temos todos nossos colegas, nossos parentes são indígenas. Nesse sentido, eu não senti tanto. Agora eu posso dizer pra vocês, o impacto que eu senti saindo de São Gabriel da Cachoeira e indo pra Manaus. Aí sim, você praticamente sente o impacto, como? Por exemplo, é outro mundo, entendeu? Eu aqui na minha cidade onde eu tenho tudo, nós temos, eu tinha, que há tempos eu saí. Aqui a gente tem toda a nossa cultura viva, a gente come da nossa cultura no dia a dia, das nossas comidas, das nossas tradições, porque há todo tempo. Quando você vai pra outro, pra capital, não tem nada disso, você já começa primeiramente a morar sozinho, isolado de todo mundo. O principal impacto que eu senti foi isso, a convivência coletiva que eu tinha aqui no município e eu não tinha mais em Manaus. Gente, você mora sozinho na capital. É uma coisa que eu senti bastante, entendeu? Uma coisa que aqui no município ou então na aldeia, você está sempre em vários, junto com sua família, junto com seus vizinhos, todo mundo junto. Aqui em São Gabriel, também eu tinha muito isso. E eu indo pra capital que eu fui pra estudar, eu senti isso. Gente, você mora sozinha com sua filha e com seu marido, então eu fiquei assim. Não foi fácil, foi um ano e meio querendo voltar novamente pro interior. Então eu sentia esse impacto da solidão, entendeu? Você está sozinho. Porque comida não, comida eu levei, comida eu gosto de comer peixe, eu fazia minha comida dentro de casa, toda essa

parte que eu gosto, nunca deixei. Inclusive amiga que chegou em casa, lá de Alvarães, ela chegou recentemente em Manaus e eu ofereci, era beijuzinho, fazendo toda aquela comida indígena que eu gosto, mantenho muito, isso as minhas filhas também gostam muito e ela diz “tu mantém a tua tradição, ela falou assim”, cara é o meu dia a dia, essa parte da minha cultura, a comida, eu não deixei, mas o impacto que eu senti realmente foi essa solidão.

Quando você vem falar da educação escolar, qual importância da educação escolar indígena, gente é essencial. O que é o Amazonas, se não fosse pela educação escolar indígena? O que você falou, a educação é o pilar. Terra, saúde e educação são os pilares e aqui nós temos no Estado do Amazonas. Se não fosse pela educação escolar indígena, pelos povos indígenas, eu sempre falo, o que seria o estado do Amazonas? O estado do Amazonas é uma floresta em pé por causa de quem? Entendeu? Nós trabalhamos muito isso na educação. Eu acho assim, muito importante a educação escolar indígena primeiramente pra nós. Primeiro, tá dizendo que nós existimos, nós povos indígenas, e aqui no estado do Amazonas tem 75 povos indígenas, com 43 línguas faladas. Onde nenhum estado brasileiro tem, nós temos dentro da educação escolar, lutas do movimento indígena, um conselho estadual normativo, único do Brasil. Foi uma luta do movimento indígena também, e outra coisa também, a importância da educação escolar indígena é justamente para manter a língua indígena viva, manter a cultura indígena viva também. Porque de uma forma ou de outra, você vai estar constantemente trabalhando isso dentro da escola, entendeu? A gente mantém esse diálogo, nós temos que respeitar os profissionais que nós temos e estar trabalhando sempre. Tanto é que quando nós discutimos a matriz indígena da SEDUC, dentro da matriz indígena você vai ver o ciclo lá, nós sempre dizemos, nós colocamos um sobrenome para as disciplinas, para os professores quando forem lembrar, quando forem estudar, lembrar que eles estão trabalhando na educação escolar indígena. Como a gente coloca: Língua Portuguesa e Conhecimento Tradicional; quer dizer, tem que trabalhar a Língua Portuguesa, mas lembrando que estamos trabalhando na escola indígena, sem deixar de fora todo conhecimento, toda história dos povos indígenas também. É nesse sentido que é trabalhado no sistema dentro do currículo da SEDUC

pra não esquecerem dos povos indígenas. Eu vejo assim, muito importante nós trabalharmos a educação escolar indígena no estado, não só nas escolas indígenas, mas dentro do currículo também das escolas não-indígenas pra eles conhecerem, porque eles não conhecem. Ainda há muito esse desconhecimento assim, ainda nós temos que fazer as oportunidades, mas é muito importante você trabalhar de fato a educação escolar indígena aqui no estado do Amazonas porque no atual contexto, sempre partiu do Amazonas para o Brasil, e eu sempre tenho dito, ontem mesmo eu falava, nós tínhamos, nós tivemos uma reunião da luta, do movimento indígena, ontem nós falávamos, estamos na preparação do primeiro encontro daqui deste ano, da educação escolar indígena no Amazonas, entendeu? Justamente vem falar de como você deve trabalhar, de como é importante você trabalhar a educação escolar indígena nas escolas, fazer uma reflexão sobre isso, tá certo?

Estélio Munduruku: Entendido. Eu só queria saber só mais uma coisinha, se a senhora permite. Então, a senhora fala, já falava o português, no caso?

Rosa Alva: Sim. Meu pai é Tukano, minha mãe é Tariana. Meu pai, eu sou a segunda filha, meu irmão mais velho nasceu lá, eu e meu irmão mais velho. Quando meu irmão veio, nós viemos pra São Gabriel da Cachoeira, eu era recém-nascida, então eu praticamente só entendo tukano. Entendo muito bem tukano, as pessoas falam comigo, só falta eu falar. É só convivência mesmo com meu irmão mais velho, ele é falante da língua indígena tukano, entendeu? Eu praticamente aqui em São Gabriel, eu entendo bem tukano, não sou falante textual, vamos dizer, assim. Falo sim, palavras, mas entendo bem.

Estélio Munduruku: Legal, professora.

Wellington Dias: Professora, qual seria os maiores desafios de ser uma mulher e liderança indígena no contexto atual? Essa seria uma pergunta. E a outra é: como você enxerga a importância de se demarcar os costumes do seu povo e dos demais povos indígenas através dos cocares, das pinturas corporais e de outros elementos visuais?

Rosa Alva: Sim, a demarcação. Eu ouvi a segunda, a demarcação dos símbolos, você falou. Os maiores desafios da mulher indígena, eu vou dizer assim bem claro, na nossa cultura indígena ela é... o homem é o importante

da cultura indígena, eu digo sempre assim, a nossa cultura indígena ela é muito machista, né Estélio. O homem é o líder e a mulher praticamente ela é submissa ao homem, então praticamente ela foi, ela é pra ajudar o seu marido praticamente. Eu digo isso, porque que eu tô falando isso, todo mundo sabe como é a cultura indígena. E eu digo isso, por quê? Dessa minha caminhada dos meus 46 anos que eu tenho hoje, eu comecei a minha vida política lá atrás, com meus 20 anos, entendeu. Eu já fui vereadora do município, e é com isso que eu quero iniciar, porque que eu tô dizendo. Foi assim, foi o momento que eu vi o quanto o homem tem que estar na frente. Quando eu fui candidata a vereadora com meus 20 anos, então eu fui indicada pelo PT, eu fui candidata a vereadora e eu fui pra aldeia, para área indígena. E chegando lá eu me deparei no meio do caminho com meu tio, um meu tio praticamente um avô e onde ele me viu e disse “minha filha, o que que você está fazendo aqui, minha neta? Você não era pra estar aqui, você era pra tá cuidando do seu marido. Quem era pra estar aqui era o seu irmão, não era você e eu vou falar isso com o seu pai”, aquele momento pra mim, foi um momento assim: gente! Realmente, como é, eles queriam um homem, eles preferiam meu irmão naquele momento do que eu como mulher. E aí eu falava assim pra ele, meu tio, meu avô. Não que eu fosse escolhida não, quem era pra estar aqui era o teu irmão. Então foi um momento assim que marcou muito na minha vida, mas que não me amedrontou, sabe, não me deixou triste. Conversei bastante com meu pai, meu pai me explicou bastante, mas assim, me deu a maior força. Nessa luta de candidatura indígena e tudo, quem mais me apoiou foi meu pai, meu pai era uma pessoa que me dava o maior apoio em tudo. Então foi um momento que eu senti na pele, o desafio como mulher, entendeu? Uma mulher indígena, no contexto da disputa política partidária. Porque você vê em todas as reuniões, a maioria homens e poucas mulheres. Esse contexto aqui já mudou aqui no Alto Rio Negro, tanto é que outros lugares você vê a participação de mais homem do que mulher, justamente porque a mulher indígena ela foi criada pra dar suporte, pra dar o apoio ao seu marido, o teu marido, o homem é que vai pra luta, é o homem que tem representação, tem ainda essa cultura... que eu posso dizer, mas assim, enfim, esse foi o momento que eu passei, mas hoje eu já não sofro mais por isso, tanto é que eu dou a maior força, eu dou a maior força pra todas as mulheres e aos

poucos as mulheres vão se protagonizando, tanto é que hoje, na minha área, lá no Distrito de Iauaretê que é a coordenação quem está à frente hoje? A mulher. Isso na realidade, dentro do meu território, onde a mulher é a protagonista, entendeu. Que antigamente eles não viam, mas hoje já é, entre aqui a calha das organizações maiores aqui da FOIRN a minha área já é a segunda vez que a mulher faz parte da diretoria da FOIRN aqui, entendeu? Então isso já mostra a mudança. Então é muito importante isso também.

Quando a gente vem falar da demarcação e eu sempre digo assim, que nossos símbolos têm significados, não é todo dia que nós usamos cocar, não é todo dia que nós usamos nossa pintura. Nós usamos bastante nossas pinturas num momento de luta, então como eu falava, por exemplo, esse momento que nós estamos fazendo aqui, essa entrevista, é um momento de mostrar para mundo que nós existimos. Seria muito importante eu usar minha pintura, tanto é que nós temos uma pintura, nós temos dois significados, a pintura vermelha e a pintura preta. Tem significado, então, nesse momento eu deveria usar uma pintura vermelha, mostrando, dando visibilidade ao povo indígena. Porque de uma forma ou de outra, é uma indígena que está aqui conversando com vocês, do povo Tukano, e eu não vou passar só de um povo, não é a Alva Rosa só, tem um povo por trás de mim também que eu represento aqui, que eu vou estar representando o meu povo Tukano aqui também. Todos esses símbolos para nós aqui têm um significado muito forte, tanto é que vocês estão vendo aqui por trás de mim, como eu falei pro Professor Wellington, eu estou aqui no ginásio coberto de esportes aqui de São Gabriel da Cachoeira, onde mostra nossa cultura, os nossos grafismos indígenas. Nós aqui estamos demarcando, dizendo que nós somos indígenas e estamos aqui. É muito importante esses nossos símbolos aí, tá. Quando eu uso aqui, estou aqui com o brinco, um brinco artesanal, entendeu, em tucum, então quer dizer, é no momento certo, no momento de luta, tá? Isso é muito importante as pessoas terem conhecimento para... nós somos indígenas, mas nós temos o momento certo de usar os nossos símbolos, é isso.

Estélio Munduruku: Eu estava analisando quando a senhora falou da nossa cultura indígena. E realmente é verdade. Acho que é uma secular, que acontece desde muito tempo, principalmente na figura do cacique:

cacique, o homem é o guerreiro da aldeia. Eu não sei, na minha existência pra cá, mas a minha vó Ester, que tinha mais uma outra avó que o nome dela era Antônia Cardoso, a minha avó, ela é a mãe do meu pai, Manoel Cardoso Munduruku, então, elas eram dos tempos antigos assim, que elas dominavam. Qualquer coisa que elas viam que não tava correto, elas iam lá, falavam, ou seja, elas eram mais brabas, do que os homens da aldeia. Eu vejo relatos da minha avó que dizia que ela não deixava nada despercebido. Qualquer coisa ela fazia toda aquela falácia e todos os homens obedeciam. Na época, o meu avô ele era o cacique. O nome dele era Nunito Cardoso, mas a minha avó ela era mais, digamos, mandava mais nele porque ela era muito braba nesse sentido. E eu tava observando essa questão que a senhora falou.

Alva Rosa: Unhum...

Wellington Dias: Estélio, fique à vontade para fazer as duas outras perguntas, a oito e a nove.

Estélio Munduruku: Professora pegando o embalo desse diálogo, tá sendo muito importante, muito aproveitador. A sétima pergunta é, como você enxerga a importância de... Ah, não! Essa já foi feita. Perdão! Na verdade, é a oito, na época da sua graduação, você teve dificuldade com o idioma?

Acho que a senhora já respondeu, mas vamos lá. Dificuldade com o idioma Português em relação a sua identidade em língua indígena?

Aí a nove, que conselho ancestral você deixaria para as futuras gerações que estão passando por esse processo intercultural nas aldeias?

Alva Rosa: Primeiramente, eu não tive essa dificuldade. Como eu falei. Eu não fui assim, como eu falei, nós somos a maioria indígenas aqui.

Quanto à identidade, eu nunca sofri, e quando chamavam “ah você é...”, é porque muitos anos atrás, São Gabriel da Cachoeira só considerava, a população daqui só considerava os indígenas lá no distrito da minha região. Nós éramos indígenas, eles aqui, não, mas isso mudou com o tempo, então nós éramos considerados indígenas lá, porque nós éramos lá das calhas dos rios. Era o pessoal de onde eu faço parte, que é do triângulo tukano, do rio Içana, que era os chamados Içaneiros e o pessoal lá do Triângulo Tukano. Nós éramos conhecidos de indígenas. Nós éramos os

considerados indígenas aqui. Isso lá na década de oitenta, que eu me lembro bem ainda em noventa, mas eu nunca tive vergonha da minha identidade, sabe? Eu nunca tive receio. É o que eu falo muito pra minhas filhas. Eu tenho trabalhado bastante muito com as minhas filhas nisso. E eu vi um relato do pai da minha filha porque a minha filha maior, ela tem vinte e dois anos, ela estuda lá em João Pessoa, ela fez o ENEM, ela foi embora, e lá ela estuda. E o pai dela me relatou dizendo, que num shopping ela chegou, e a mulher perguntou, abordou e falou “Você é indígena?”, ela pegou e disse “Sou. Sou indígena lá do Amazonas, sou do povo tukano. Por quê?”, aí ela falou “Ah, não e tal”, porque ela tinha cabelos preto e grande. Você sabe, quando você é do Amazonas, você logo é reconhecida pelos seus cabelos negros e morena. Quando o pai dela me falou isso, cara eu fiquei orgulhosa da resposta dela. Quer dizer, está fluindo o que eu ensinei, entendeu?

Assim, você tem que se orgulhar da sua identidade. Você não pode ficar com vergonha. É uma das coisas que eu trabalho muito. Eu não tenho vergonha da minha identidade, em todo canto que eu vou eu digo ‘Eu sou indígena’ e tudo mais. Essa é a minha marca, não ter vergonha da minha identidade, então nisso eu nunca tive vergonha.

E qual o conselho que eu dou aos jovens hoje, qual é o meu conselho atual? Gente, nós estamos na academia sim, certo? Estamos aprendendo, mas nós temos que ouvir as nossas lideranças indígenas, nós temos que ouvir os nossos pais indígenas, eles têm o conhecimento que nós não temos. E nós estamos adquirindo o conhecimento da academia? Sim, mas isso para somar com o conhecimento da nossa cultura indígena. E mais do que nunca, nós temos que ouvir as nossas lideranças indígenas, os mais velhos. É esse o conselho que eu dou aos jovens indígenas. Não é porque você está na academia que você conhece, não. Nós estamos conhecendo o outro mundo, e nunca devemos deixar de não ouvir as nossas principais, os nossos principais orientadores, que são os nossos quem? Os nossos pais, os nossos avós, as nossas referências, lideranças aqui nos nossos municípios. Você está na academia, você volta, você volta com outro conhecimento não-indígena, mas pra ir somar, mas tem que ouvir a principal liderança lá da sua comunidade ou então a principal liderança que está do teu lado, que é seu pai, que é seus avós, que é a referência lá na comunidade. Porque eu

sempre digo, o que é o bem viver hoje? O bem viver é você lutar pelas políticas, que chegue a sua comunidade, que chegue a seu município, mas sem deixar também de respeitar as lideranças mais velhas, porque eles nos ensinaram, eles nos mostraram que naquela época que não tinha nada, que eles não tinham conhecimento nenhum, conseguiram. Conseguiram colocar lá na Constituição Federal, e hoje, nós? O que estamos deixando? Nós estamos na academia, mas fruto da luta é deles. Por isso, nós devemos respeitar sempre e ouvir os mais velhos. É esse o conselho, é essa a mensagem que eu deixo aos jovens que estão hoje na academia porque nós não sabemos tudo. O nosso conhecimento é pra somar. Não é um é um conhecimento que você tem a mais, você tem que sempre respeitar a liderança lá na ponta. É isso!

Estélio Munduruku: Muito importante, professora. Porque o conhecimento a gente não sabe tudo. A gente apenas tá conhecendo, mas o conhecimento, ele é infinito. É por isso que, quando a senhora fala dessa forma, nós respeitamos mais as lideranças, respeitamos a nossa aldeia, respeitamos o lugar de onde nós viemos. Porque nós, por exemplo, eu ainda sou jovem, eu não sei o conhecimento lá de trás. Eu não sei como é que foi a luta do povo indígena. Eu não sei como é que foi a luta do cacique. Eu vejo que, os nossos caciques também, os nossos anciões são mais sábios do que nós, porque a gente ainda tá conhecendo, a gente ainda tá sabendo, eu principalmente. Quando a senhora fala isso, dá uma importância de como que a gente deve caminhar junto a essas pessoas que têm o conhecimento secular que foi passado de geração a geração. Sempre meu pai cobra essa questão “meu filho, você tá lá na cidade, mas não, você tem que aprender o nosso conhecimento, porque nós sabemos como é que foi. Não é porque você tá lá que você tem que se sentir superior ao conhecimento, muito pelo contrário, você tá sabendo uma parte, a outra parte ainda falta você conhecer ainda mais como é que foi essa fundação da luta dos povos indígenas”, eu guardo muito isso. Toda vez que eu vou pra aldeia eu converso muito com meu pai em busca desses conhecimentos que a senhora enfatizou aqui.

E eu acho muito importante como nós como acadêmicos que estamos na universidade, precisamos mesmo conhecer, precisamos

explorar esse mundo do conhecimento indígena porque ainda acredito que é um conhecimento infinito. A gente nunca sabe tudo.

Wellington Dias: Muito bonita essa sua mensagem, viu, Alva Rosa. Que é um chamado. É uma fala com a experiência de quem sente, percebe e acredita no conhecimento ancestral como mola, promotora de muita, muita transformação dentro da juventude.

Alva, pra também a gente, chegando aqui no nosso final. A nossa última pergunta, na realidade é uma não-pergunta, que é justamente saber de você, que pergunta você gostaria de fazer ou de responder, mas que nós aqui não fizemos pra você nessa entrevista?

Alva Rosa: Eu vou dizer, é assim, o que você espera hoje como indígena, no atual contexto com a universidade? É uma pergunta que eu, assim, eu até pensei quando eu li. Não deu pra eu fluir, mas agora conversando.

Eu posso dizer assim, que eu espero como indígena, desse contexto atual com a universidade porque sendo que eu sou também aluna da universidade, entendeu? É nesse sentido que eu queria responder, sabe? Hoje, eu gostaria muito de dizer o que eu espero da universidade para nós indígenas. É que hoje, ninguém pode falar sobre nós, entendeu? Hoje eu posso dizer, ninguém pode falar sobre nós indígenas sem a nossa participação indígena, então, hoje a universidade precisa estar pensando as políticas indígenas, mas com a nossa participação. Que aí, vem a convenção 69, que já diz isso, você só pode pensar nas políticas públicas para os povos indígenas com a consulta. Eu reitero um pouco mais que hoje ninguém pode falar sobre os povos, sem os povos indígenas, sem a sua participação porque hoje também nós somos pesquisadores. E aqui, é um exemplo concreto que eu quero dizer, eu estou na academia, eu também sou uma pesquisadora, entendeu? Assim como temos vários indígenas pesquisando, que estão no mestrado e nós estamos no doutorado. É isso que eu gostaria de dizer. Essa pergunta ‘o que que eu espero da universidade?’, que ela também reconheça, ela respeite, ela nos chame para esse diálogo, mesmo de fato, como vocês tão fazendo. Olha o Estélio, quando eu vejo aqui o Estélio junto com você. É você fazendo uma entrevista para uma indígena, mas com a participação de um indígena. E é isso que nós queremos também, sempre estar juntos, sempre segurando

na mão um do outro, porque é só assim que nós conseguiremos. Nós não conseguiremos, aliás, hoje esse contexto atual, nós não conseguimos mais lutar sozinhos. Nós conseguimos em parceria, na coletividade. É nesse sentido que eu digo, a universidade, ela só vai realmente conseguir fazer política para os povos indígenas com a participação dos povos indígenas também. Eu sei que tem vários povos, mas nós temos acadêmicos indígenas aí. Chame eles para poder conversar, ouça eles também. É nesse sentido que eu gostaria de dizer o que eu espero, é que a universidade dialogue conosco, crie as políticas, mas conversando conosco, sempre, tá bom? É isso porque nós já passamos, nós estamos no século XXI, praticamente entrando para XXII. Já foi a era que o povo indígena ficava calado. Nós estamos aqui, nós já estamos mostrando, de fato concreto. Quando a gente vê vários indígenas na academia, vários indígenas se formando em direito, em medicina, aí na arte, na música. Nós estamos praticamente também na universidade. E não foi fácil, isso foi com muito sacrifício. E é por isso que eu deixo aqui a minha mensagem, de dizer o que eu espero da universidade é isso. Tá bom, professor.

Wellington Dias: Muito obrigado, Alva. A gente agradece. Ouvir você é sempre muito inspirador. Desde a *live* que você fez com a professora Célia, lá no canal do Oré, que a gente tem aprendido muito com você. E perceber também, o seu percurso, a sua luta, e que a gente possa tá estreitando muito mais diálogos e parcerias, e lutando juntos por essa construção da política dentro da universidade. E que a gente possa, tá sempre, dialogando. E aí, deixo também aqui a palavra final com o Estélio, que foi o grande organizador dessa entrevista, de todas essas perguntas também. É com você, Estélio!

Estélio Munduruku: Eu também só queria agradecer a presença da professora Alva Rosa, professor Wellington também, que nos ajudou bastante assim, foi um momento de aprendizado, que a gente conseguiu sentir. Eu principalmente, consigo sentir quando uma fala indígena, ela é tocada através dos conhecimentos ancestrais. A gente consegue sentir esse chamado que o professor Wellington mencionou. É um chamado que vem lá de dentro do coração, que perpassa todo nosso imaginário, da nossa percepção. Porque a cultura indígena, ela é tanto material quanto imaterial. Ela está presente no abstrato e no concreto. E aí, a gente tem esse

conhecimento de chamados, tem essa relação com a natureza muito forte, que a gente consegue sentir. O que realmente precisa fazer pra sobreviver, pra gente lutar. Até mesmo na sabedoria, eu vi essa sabedoria aqui com a professora Alva Rosa, e me enriqueceu, digamos assim, de conhecimento. E eu costumo dizer que eu gosto muito de participar, de ouvir o conselho das pessoas mais velhas, de ouvir esses relatos. Como acabamos de ouvir aqui da professora. Também eu converso muito com meu pai, nesse sentido, acho que a professora deve conhecer. É uma liderança até indígena...

Alva Rosa: Conheço.

Estélio Munduruku: E ele sempre fala essas mesmas palavras que a senhora tá falando agora. Eu me senti assim viajando, mas no contexto ancestral, e me ligando com os conhecimentos indígenas.

E isso pra mim, é um momento muito importante, muito gratificante mesmo de estar aqui participando dessa entrevista com a professora Alva Rosa, que é do povo Ticuna, e também professor Wellington. Duas pessoas que...

Alva Rosa: Tukano...

Estélio Munduruku: Tukano, né. Isso. Com essas pessoas que estão aqui, diante de mim. Eu estou aprendendo muito com vocês, e muito obrigado mesmo, professora, por disponibilizar o seu tempo. Que a gente sabe que a senhora tá nesse contexto de doutorando, e a gente sabe que a vida de doutorando não é fácil também. Que está sempre na pesquisa, está sempre na luta, está sempre lutando. E ter a senhora hoje aqui é um privilégio mesmo muito grande.

Alva Rosa: Eu é que agradeço, tá bom gente. Parabéns aí, ao Estélio. Vocês estão fazendo a diferença na universidade. Isso é muito importante para nós indígenas também. Parabéns, mesmo a equipe aí que estão fazendo, vocês estão fazendo diferença. Isso que eu falei, aos poucos a gente vai descolonizando a universidade, a gente vai descolonizando a universidade realmente, tá bom? Um abraço, mesmo. Obrigada por tudo. Qualquer coisa, estou à disposição, tá! Em agosto.

Wellington Dias: Certo, muito obrigado! E a gente fica à disposição também. Bom dia pra você, e sigamos na luta. Um abraço

Alva Rosa: Tá certo.

Estélio Munduruku: Bom dia.

Alva Rosa: Tchau, gente. Um ao outro.

Estélio Munduruku: Tchau.

Link para assistir à entrevista:

https://drive.google.com/file/d/1rbAW-JaHIGjgJxHGN2n9s4_PTvZOuB3A/view